

[Pessoas Normais] – [Sally Rooney]



[Sally Rooney] Biografia: Sally Rooney nasceu em 1991 e vive em Dublin, onde se licenciou em Literatura Inglesa e Americana pelo Trinity College. Os seus trabalhos têm sido divulgados através de publicações diversas como Granta, The Dublin Review, The White Review, The Stinging Fly e da antologia Winter Pages. Conversas Entre Amigos, o seu primeiro romance, tem recebido os maiores elogios da crítica. Esta obra de estreia, cujos direitos de publicação foram já vendidos para 24 países, foi também nomeada para vários prémios literários, entre os quais o International Dylan Prize, Rathbones Folio Prize, Desmond Elliot Prize e Kerry Group Irish Novel of the Year. Os direitos para o cinema foram adquiridos pela Element Pictures. Autora de Conversas entre amigos (Alfaguara, 2017) e Pessoas Normais (Companhia das Letras, 2019), participou da produção da série Normal People, baseada no seu segundo romance.



Síntese de [Pessoas Normais]:

Connell e Marianne cresceram na mesma pequena cidade da Irlanda, mas as semelhanças acabam aqui. Na escola, Connell é popular e bem-visto por todos, enquanto Marianne é uma solitária que aprendeu com dolorosas experiências a manter-se à margem dos colegas. Quando têm uma animada conversa na cozinha de Marianne — difícil, mas eletrizante —, as suas vidas começam a mudar. Pessoas Normais é uma história de fascínio, amizade e amor mútuos, que acompanha a vida de um casal que tenta separar-se mas que acaba por entender que não o consegue fazer. Mostra-nos como é complicado mudar o que somos. E, com uma sensibilidade espantosa, revela-nos o modo como aprendemos sobre sexo e poder, o desejo de magoar e ser magoado, de amar e ser amado.

The Daily Californian

1 DE DEZEMBRO DE 2021

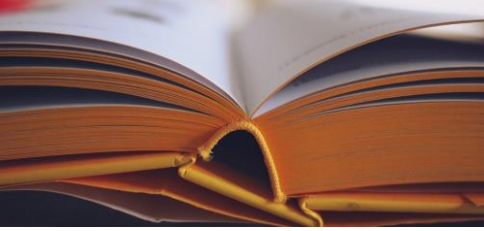
O renascimento de Sally Rooney: como 'Pessoas normais' captura o início da idade adulta



POR [SARAH RUNYAN](#) | PESSOAL

ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO EM 2 DE DEZEMBRO DE 2021

Tardes de outono enredadas pelas pressões da idade adulta, cenas majestosas da Irlanda e questões filosóficas de partir o coração colocadas por aqueles na casa dos 20 anos podem facilmente descrever qualquer um dos romances de Sally Rooney. Nas suas obras, jovens artistas questionam introspectivamente os seus méritos, personagens lutam para expressar os seus sentimentos e, no verdadeiro estilo Rooney, não há aspas para marcar o seu diálogo espirituoso. Mesmo assim, tanto os leitores fervorosos quanto os que apenas compram ficção em aeroportos



podem concordar em uma coisa: Sally Rooney entende o que é preciso para escrever uma obra literária surpreendente.

Nos últimos anos, o romancista irlandês de 30 anos parece ter conquistado o coração de todos os de 20 que questionam seu lugar no mundo. Com apenas três romances na sua bibliografia - "Pessoas normais", "Conversas com amigos" e "Mundo bonito, onde está você" - Rooney rapidamente se tornou uma figura prestigiada na ficção do século 21, algo que só foi exacerbado pela geração milênio e pela geração Z igualmente nas redes sociais.

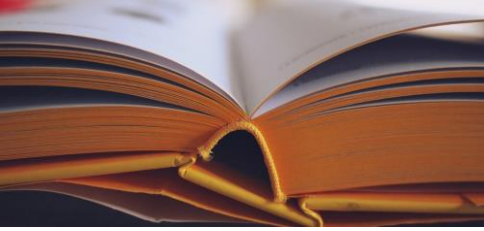
No ano passado, um renascimento inegável de Rooney varreu a internet. Os utilizadores do TikTok utilizaram uma comunidade de nicho no aplicativo conhecida como "BookTok" para elogiar a capacidade de compreensão da prosa de Rooney. Da mesma forma, BookTubers, Bookstagrammers e celebridades têm continuamente compartilhado a sua devoção pela escritora.

Mas, considerando a brevidade de seu trabalho, como é que Rooney se tornou rapidamente essa aclamada sensação literária? Aqueles que se ligaram à sua prosa podem estar abertamente cientes dos sentimentos intensos que a escrita evoca, embora possa ser bastante meticuloso apontar o que é exatamente sobre suas narrativas que prendem sem esforço a atenção dos leitores.

Essa pergunta pode ser respondida examinando-se a rara habilidade de Rooney de capturar a verdadeira sensação de ter 20 anos. Em cada um de seus romances, a escritora está disposta a expor as verdades horríveis de crescer desde a adolescência. Sem medo de quebrar a imagem romantizada e brilhante da juventude que comumente projeta obras de ficção, Rooney retrata os jovens adultos com franqueza inegável, algo que a diferencia de uma multidão de escritores. Ao destacar as complexidades perturbadoramente cruas da pressão social, saúde mental e relacionamentos românticos aos 20 anos, Rooney consistentemente elabora narrativas que envolvem dificuldades, refletindo muitas das experiências de seus leitores.

Em particular, o trabalho mais popular de Rooney, "Pessoas normais", explora essas preocupações ao retratar a vida de dois adolescentes, Marianne e Connell, que devem navegar no seu relacionamento inicial ao entrarem nos 20 anos. Quando os dois se envolvem romanticamente, as pressões sociais descaradas do ensino médio proíbem a sua interação com o público. Embora esse tropo seja relativamente comum na ficção para jovens adultos, "Pessoas normais" é distinto no seu estudo relatável e prolongado de duas identidades complexas que se entrelaçam, rapidamente se enredando antes de se separarem.

Embora os primeiros 20 anos sejam comumente elogiados por ser o horário nobre da vida, Rooney identifica as maneiras pelas quais isso não ocorre. É preciso dissecar as falhas intrínsecas embutidas em relacionamentos de longa data e, geralmente pela primeira vez, ser deixado sozinho com sua própria psique, sem as distrações da juventude.



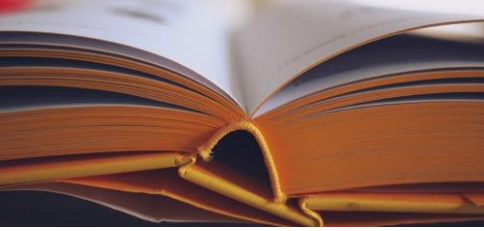
Com o personagem de Connell, Rooney destaca seus escrúpulos, identificando as maneiras pelas quais frequentar a universidade nem sempre é uma experiência que altera positivamente a vida - pode ser incrivelmente isolante e prejudicar a saúde mental de alguém. Deixando para trás as pessoas que moldaram a personalidade encantadora que o guiou ao longo de sua adolescência, Connell é deixado por conta própria na faculdade, onde deve abraçar a autonomia sobre sua própria identidade pela primeira vez. Mais tarde, ao revisitar seu relacionamento com Marianne, Connell experimenta uma regressão que a maioria dos jovens de 20 e poucos anos encontra-se encontrando - olhando para amigos desde a infância a fim de agarrar-se a elementos de seu eu passado.

O romance de estreia de Rooney, "Conversation with Friends", é semelhante a "Normal People" nesse aspecto; os dois livros centram-se em navegar pela vida aos 20 anos e aprender a expressar-se com novos conhecidos e velhas chamadas. Embora cada romance seja intrinsecamente diferente na sua narrativa, Rooney mantém o interesse em explorar a complexidade interior de quem está a estabelecer-se na idade adulta.

Em "Conversas com amigos", isso se manifesta na vida da protagonista do romance, Frances - uma jovem poetisa bombardeada por ex-amantes e novos amigos. Incapaz de expressar sua vulnerabilidade aos outros, Frances enfrenta o isolamento e a ansiedade que se infiltram no seu monólogo interno, mergulhando os leitores no mundo dolorosamente sombrio de uma jovem artista.

Através do estilo de escrita sucinto, mas sem esforço, brincalhão de Rooney, ela entrelaça os leitores no espaço de pensamento de Frances, ganhando acesso direto às idiossincrasias que compõem o seu ser. No entanto, simultaneamente, os leitores devem testemunhar os momentos sombrios enfrentados por todas as mulheres na casa dos 20 anos. Embora isso possa ser muito doloroso às vezes, essa coragem de detalhar momentos de isolamento com facilidade identifica ainda mais o talento incomensurável de Rooney.

Uma linha transversal de honestidade e autenticidade emocional persiste em todo o trabalho de Rooney, especialmente em seu último romance "Beautiful World, Where Are You". À medida que sua literatura se adapta a programas de televisão de sucesso e seu número de leitores continua a crescer, esse elemento da ficção de Rooney certamente não deve ser negligenciado. A transparência de Rooney é o que conecta os leitores à sua prosa, fazendo-os sentir como se realmente estivessem se envolvendo em "conversas com amigos".



Normal People: muito mais do que uma história de amor

by [Rui Matos](#)

Vogue Portugal

Um romance com términos e recomeços, uma história de amor contemporânea, uma tese sobre como é que uma pessoa pode, inesperadamente, mudar a vida de outra e de que maneira é que a intimidade pode ser complicada. Assim é *Normal People*.



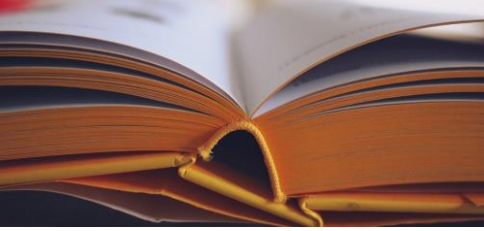
Abril de 2020. Tão cedo não me vou esquecer deste mês. O mundo estava trancado em casa, as saídas à rua eram pontuais. Se não estava a trabalhar, estava a pôr as séries todas em dia. Os fins de semana estavam reservados para o famoso *binge watching*. Depois de ver [Killing Eve](#), [High Fidelity](#) e [Euphoria](#) num abrir e fechar de olhos, e mais um par de documentários criminais na Netflix, eis que me deparo com *Normal People* na Hulu. Nem sabia muito bem naquilo em que me estava a meter, mas dois dias depois já estava a encomendar o livro *online*. Numa altura em

que ligar a televisão se assemelhava a um qualquer episódio de *Black Mirror*, mergulhar numa história como a de Connell e Marianne, foi a salvação para os dias infundáveis de quarentena.

Normal People surge através da adaptação do livro homónimo de Sally Rooney - que, em 2019, um ano depois de ter sido editado, vendeu um milhão de cópias - uma jovem autora de 29 anos, nascida em Castlebar, na Irlanda. Esta história acompanha Marianne (Daisy Edgar-Jones) e Connell (Paul Mescal) ao longo de vários anos. Ambos são de uma pequena cidade do oeste irlandês, mas as suas origens são muito dispare: ela é sarcástica, não é popular e pertence a uma família endinheirada; ele é popular, tímido e vive apenas com a mãe, que é empregada de limpeza na mansão da família de Marianne. Os dois começam um relacionamento, um tanto ao quanto peculiar, no último ano do secundário, mas que depois continua durante os anos de faculdade. A premissa é simples: o tempo passa e as pessoas crescem. Um crescimento que é feito de mãos dadas, mesmo quando se está fisicamente afastado. *Normal People* é muito mais do que uma bonita e fofinha história de amor.



A adaptação desta obra literária é uma das mais fieis que vi nos últimos tempos, sendo que a grande diferença está no tom da série e na vontade que surge em vivermos os sentimentos que nos são apresentados. "Rooney mapeou com grande precisão os estados psicológicos dos seus personagens através de uma prosa fria e penetrante. Aqui [na série], muito desse trabalho interior é feito com a realização, dividida entre Lenny Abrahamson e Hettie Macdonald, o que tornou esta história mais calorosa e sonhadora," escreve James Poniewozik, no [The New York Times](#). As interpretações de Mescal e Edgar-Jones são soberbas, há determinadas cenas em que sentimos tudo aquilo que cada um está a sentir e, por outro lado, nas cenas de



sexo, que são de uma execução exímia, sentimo-nos verdadeiros intrusos e tudo aquilo que queremos é que eles não percebam que estão a ser observados. Toda a narrativa de *Normal People* é muito fiel ao título. Não é espalhafatosa. É normal, real e muito terra a terra.

Numa história repleta de idas e vindas, não restam dúvidas de que Marianne e Connell foram feitos um para o outro, mas a autora e os realizadores olham mais além: se o amor, a paixão e a afinidade são indispensáveis, este par precisa de mais, nada disto é suficiente. Para que se possam vir a completar, Marianne e Connell precisam de descobrir quem verdadeiramente são, precisam de deixar para trás as pessoas que eram na adolescência e construir a pessoa que querem vir a ser. Assumidamente romântica, esta série é um anti-romance.

Depois de conquistar o Reino Unido e os Estados Unidos da América, *Normal People* chegou a Portugal, um exclusivo [HBO Portugal](#). A série tem 12 episódios cada um com 30 minutos e uma banda-sonora apetível, com músicas de de Ry X, London Grammar, Frank Ocean, Yazoo e Janelle Kroll.

“Pessoas Normais” e as anormalidades da intimidade

[Rayssa Oliveira](#), [Sep 11, 2020](#) · 4 min read MODERNA PARAYBA



Paul Mescal e Daisy Edgar-Jones como Connell e Marianne em Pessoas Normais. Divulgação/Hulu.

Poucas adaptações audiovisuais de obras literárias tiveram o privilégio de serem equiparadas ao conteúdo original. E mesmo as que conseguem tal feito, sempre são vítimas da fatídica frase de encerramento, “mas o livro é melhor”. Isso não acontece com *Pessoas Normais*. O livro pode até ter mais detalhes, ou alguma profundidade específica em um dos temas retratados nele. Mas sua adaptação consegue ser tão sensível, real e crua quanto o livro.



Sally Rooney, autora de Pessoas Normais. Patrick Bolger/The Guardian.

O segundo trabalho da escritora irlandesa Sally Rooney, foi lançado em 2018, mas conseguiu a atenção do grande público em 2019, após suas sucessivas indicações e vitórias em prêmios literários. *Normal People* chegou a sair na lista de melhores livros lidos em 2019 pelo ex-presidente estadunidense Barack Obama. Rooney ganhou o título de “primeira grande escritora” da geração millennial e *Pessoas Normais* foi chamado de “um futuro clássico” pelo jornal britânico *The Guardian*. Estava óbvio que o livro caminhava pela famosa estrada de um best-seller que atrairia o interesse de um estúdio em adaptá-lo. A minissérie produzida para a BBC Three, e depois contando com todos os seus episódios disponibilizados no serviço de *streaming* Hulu, chegou ao mundo de falantes de língua inglesa em abril. Aqui no Brasil, *Pessoas Normais* está disponível no Starzplay desde julho.



Divulgação/Hulu.

Talvez você se questione sobre qual é o apelo. O porquê de tanta comoção. Talvez você acredite que se trata de mais um livro para jovens adultos com um romance exagerado entre adolescentes. Afinal, a premissa colabora com essa visão. Dois jovens no interior da Irlanda iniciam um relacionamento no final do ensino médio e somos levados a acompanhar o desenvolvimento desta relação até o ano final de faculdade. Ela, uma menina tímida excluída pelos seus colegas de sala. Ele, um rapaz envolvido em esportes que tem um grupo bem estabelecido de amigos. Este resumo simplista que mistura o enredo de qualquer comédia romântica adolescente genérica com a sinopse de *Um Dia* de David Nichols **não condiz** com a riqueza da história de *Pessoa Normais*.

Tanto no livro quanto na minissérie, os protagonistas Connell e Marianne condizem com o título da obra em que estão inseridos. São jovens envolvidos em situações cotidianas e completamente verossímeis. O relacionamento iniciado ainda na escola, e estendido por momentos de afastamento e proximidade ao longo da passagem dos dois pela universidade é retratado com camadas que adicionam uma profundidade inquestionável.

Além do relacionamento em si, as dinâmicas sociais que envolvem o casal são pontos importantes na narrativa. Quando descobrimos que a mãe de Connell trabalha como faxineira na casa da família rica e abusiva de Marianne, somos levados a várias discussões sobre classe e desigualdade que crescem à medida que nossos protagonistas amadurecem. O relacionamento oculto aos colegas da escola não tem essa dinâmica apenas por capricho juvenil de um dos dois, ele é atravessado por várias outras questões determinantes. O livro e sua adaptação entram em uma crescente satisfatória no momento em que o casal atinge a vida universitária. A troca de papéis, sendo agora ela a pessoa com melhor traquejo social e ele a pessoa com dificuldades de se encaixar e se adaptar na nova cidade, potencializa as discussões sobre a intersecção entre qualidade de vida, desigualdade social e problemas psicológicos em jovens adultos.

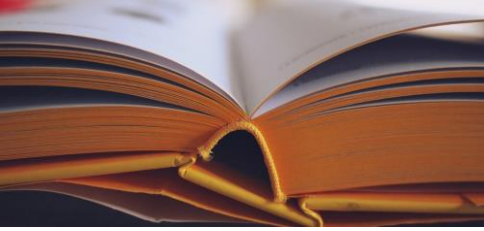


Paul Mescal em Pessoas Normais. Divulgação/Hulu.

Normal People não recebeu três indicações ao Emmy sem motivo aparente. As indicações de Melhor Ator para Paul Mescal, Melhor Roteiro e Melhor direção só são o apontamento de algumas das melhores coisas da minissérie. Mescal consegue transmitir todos os conflitos internos de Connell de forma avassaladora. E embora não tenha indicada, a Marianne de Daisy Edgar-Jones consegue nos emocionar da mesma forma que no livro.

Mas outras coisas também merecem ser elogiadas na minissérie. Um dos assuntos mais comentados no que diz respeito à adaptação é como foram retratadas as cenas de sexo entre os protagonistas. A construção da intimidade e do que há de mais normal, comum e até mesmo anormal nela é um triunfo no meio de tantos retratos completamente irrealistas do assunto.

Pessoas Normais é sensível sem apelar para o exagero. O retrato do amor e da intimidade sem que estes sejam inalcançáveis ou idealizados demais é o que há de mais incrível no livro e na minissérie. Mas a forma delicada e ao mesmo tempo dura com que somos apresentados às dificuldades das vidas de Connell e Marianne também são importantes. Elas provavelmente irão nos lembrar de algo da nossa própria vida, ou da vida de algum conhecido. E esse é o ponto-chave da história. O quanto nas nossas vidas normais, encontramos toneladas de anormalidades e o quanto as pessoas que encontramos no caminho podem aliviar este peso, ou torná-lo maior.



Divulgação/Hulu.

Livro e minissérie nos fazem querer e não querer um amor como o de Connell e Marianne, ao mesmo tempo em que nos fazem lembrar sobre amores passados e presentes. Pessoas Normais é um belo retrato sobre primeiro amor, amizade, classe, problemas psicológicos e acima de tudo: sobre as anormalidades da intimidade.

NOVO LIVRO DE AUTORA DE NORMAL PEOPLE: "SEMPRE ME INTERESSEI ATÉ ONDE A HISTÓRIA E A CULTURA MOLDA AS NOSSAS RELAÇÕES ÍNTIMAS."

Em *Mundo Belo, onde Estás*, a autora irlandesa dos aclamados 'Conversas entre Amigos' e 'Pessoas Normais' regressa aos seus temas de sempre, da amizade à saúde mental, e confronta-os com os altos e baixos da sua própria fama.



Sally Rooney, autora de 'Mundo Belo, Ondes Estás', Foto: **Getty Images**

MÀXIMA, 09 DE NOVEMBRO DE 2021 Alex Clark e Rosário Mello e Castro

Sally Rooney olha para dentro para explicar o mundo e, sem pensar muito nisso, passou a ser descrita por muitos como a voz de uma geração. Aos 30 anos, e depois de publicar dois romances aplaudidos um pouco por todo o mundo, a autora decidiu lidar com o **sucesso** – e consequentes **críticas** – escrevendo sobre o sucesso. **Mundo Belo, onde Estás**, editado pela Relógio d'Água, segue as vidas de duas amigas separadas por uma viagem de carro que se torna cada vez mais longa: **Alice**, uma escritora a braços com a sua súbita fama (para além de uma séria crise de saúde mental) e **Eileen**, uma editora com dificuldade em pagar a renda, perdida nos meandros emocionais da sua última separação. Qualquer semelhança com as personagens dos dois anteriores romances e com a própria Rooney não é, como admite a autora, pura coincidência, mas antes um feliz regressar às questões do amor e da amizade, "temas que me parecem ser suficientemente grandes para serem explorados ao longo de uma vida inteira", diz.

Podemos começar pelo título do livro? Trata-se da tradução de uma frase de um poema de Schiller, mais tarde adaptado para música por Schubert e depois tomado como título para a Bienal de Liverpool de 2018, que foi onde captou a sua atenção. Pergunto-me que conotações ele tem para si e que sentimentos e reflexões poderá provocar nos leitores?

Deparei-me com esta frase pela primeira vez quando estava a ouvir uma emissão de rádio da BBC acerca da Bienal de Liverpool. Essa emissão, um episódio da *Saturday Review*, usou uma passagem áudio de Ian Bostridge e Julius Drake interpretando Schubert, D.677, que eu considerei ser insuperavelmente **maravilhosa**. E a frase ficou-me na memória. Isto foi no verão de 2018, quando eu comecei a trabalhar no projecto que viria mais tarde a tornar-se neste romance. No outono, tive de facto ocasião de visitar a Bienal e foi por volta dessa altura que decidi usar o mesmo título para o meu livro.

É uma frase com várias camadas, portanto.

Obviamente que a frase sugere um certo desencantamento com a **vida contemporânea**. E, retirado de contexto, este desencantamento poderá ser francamente **nostálgico** – o "mundo belo" pode, usando-se a imaginação, localizar-se num qualquer momento específico da história – ou poderá ser mais vago e difuso. Durante algum tempo, fiquei assim como que fascinada pela recorrência deste tema ao longo da história da literatura – a tradição "ubi sunt" na poesia latina, a proeminência das ruínas e do declínio na literatura anglo-saxónica e depois os poetas do século XVIII, como Schiller, comparando a relativa pobreza estética da era moderna com o imaginado **esplendor da vida antiga**. Penso que esta sensação de um mundo lindo que está a morrer pode ser bastante contemporânea, devido ao momento político e à crise climática que vivemos hoje. Mas, na verdade, a terminologia cultural que usamos para esta experiência pré-existe há muito as presentes circunstâncias em que vivemos e eu acho isto interessante.

Mundo Belo, onde Estás gira em torno de quatro personagens que, entre elas, nos dão um esboço de relações já estabelecidas e recém-formadas, amizadas tanto entre o mesmo sexo e opostos, casos de amor e um tipo menos definível de amor platónico. Há algo muito divertido na forma como apresenta as diferentes nuances de relações e afeto entre as personagens. Pode contar-nos como abordou estas questões?

Demorei muito tempo a decidir como contar a história deste romance. Era tão **difícil** para mim responder a qualquer uma das perguntas básicas a que um romancista tem de dar resposta: de quem é esta história, quando começa, quando acaba, quem a conta e por aí fora. Nenhuma das técnicas narrativas que tinha usado nos meus dois livros anteriores – narrativa no tempo passado e na primeira pessoa no primeiro romance e uma narrativa na terceira pessoa onisciente e no tempo presente no segundo – me parecia servir para nada desta vez. Tive de arranjar um **novo tipo de voz narrativa** (ou pelo menos nova para mim) de maneira a que a história que eu queria contar fizesse sentido. Ao mesmo tempo, é uma história muito simples. É acerca de **quatro personagens e das relações entre elas**. Eu só tinha de dedicar algum esforço a encontrar a forma, estrutura e voz certas para transmitir o romance que eu sabia que queria escrever.

Uma das quatro – e talvez aquela que nós poderemos encarar como a personagem principal do livro – é uma romancista, a Alice. Romances com escritoras são muitas vezes zonas de areias movediças. O que a atraiu a fazer isso?

Primeiro que tudo, talvez valha a pena dizer que eu não acho que o romance tenha uma personagem principal! A maior parte do livro está estruturada de uma forma muito rígida em **"rondas" de quatro capítulos** cada, igualmente repartidas entre as quatro linhas narrativas do romance. O meu último livro tinha uma estrutura fixa semelhante, alternando entre as perspectivas das duas personagens principais – mas alguns leitores ainda assim ficaram com a sensação de que uma ou outra delas era a "verdadeira" personagem principal. Penso que, até certo ponto, é uma apreciação **subjéctiva**.

Quanto ao que me atraiu a escrever acerca de uma escritora: os meus livros anteriores foram parcialmente passados em escolas e universidades e acontece que quando os escrevi ainda não tinha passado muito tempo fora de ambientes escolares e universitários. Desde então, tenho passado a maior parte do meu tempo a **escrever e editar**. E agora, por acaso, uma das minhas protagonistas neste livro é uma escritora e outra é editora. Por isso, penso que é justo dizer que escrevo sobre aquilo que **conheço**. Os acontecimentos deste romance, tal como os dos meus dois anteriores, são absolutamente ficcionais, mas o mundo focado no livro baseia-se num mundo real em que na verdade vivi. A minha experiência do mundo é, obviamente, muito limitada, e eu também só escrevo acerca de um pequeno número limitado de coisas na minha ficção. Mas não me importo: há uma data de outros autores a escrever acerca de outras coisas.

A Alice e a Eileen têm frequentemente longas discussões sobre política e sociedade por email, que são reminiscentes das alterações entre Frances e Bobbi em *Conversas entre Amigos*. Pode ser difícil apresentar ideias e considerações em ficção. Como é que isso funciona consigo?

Penso que a vida intelectual das personagens centrais é mais substancial neste livro do que na minha obra anterior. Por um lado, isso poderá dever-se ao facto de as personagens serem mais velhas e terem tido tempo para ler mais e desenvolverem as suas ideias com maior profundidade. Por outro, é porque as duas principais personagens femininas trabalham ambas em campos intelectuais – uma como escritora e a outra como editora. No entanto, penso também que este romance está mais profundamente preocupado com a natureza da **amizade intelectual**. Eu estava especialmente interessada na interação entre as ideias de Eileen e Alice e a sua relação: como é que os seus pensamentos e opiniões afetavam a sua amizade e de que forma é que as especificidades da sua amizade informavam o desenvolvimento das suas ideias. Portanto, há uma espécie de toma-lá-dá-cá neste livro, um movimento entre pensamento e sentimento e de vaivém – e eu vejo esse movimento como parte do enredo do romance (tal como ele é).



Sally Rooney, autora de 'Mundo Belo, Ondes Estás'Foto: **Kalpesh Lathigra**

A Alice passou por uma crise de saúde mental e, em consequência, mudou-se de Dublin para um modo de vida muito mais solitário na costa. É uma decisão sobre a qual ela e outras personagens parecem sentir-se ambivalentes: trata-se de uma fuga da vida ou de um passo rumo à novidade? O que quis sugerir com isto?

A decisão de Alice de deixar Dublin é, de várias maneiras, o acontecimento que **espoleta** o romance. Sabemos logo desde cedo no livro que Eileen e Alice viveram juntas durante vários anos quando estavam na casa dos 20 anos e, depois disso, continuaram a viver na mesma cidade, talvez tomando a sua proximidade como dado adquirido. O romance começa depois de Alice se ter mudado para uma vila costeira no Condado de Mayo. Ao passo que Eileen continua a viver e a trabalhar em Dublin tal como antes. Elas estão separadas por uma viagem de carro de **algumas horas**, mas nenhuma delas conduz, e as ligações por transportes públicos são más. Então, elas são confrontadas com a questão de como e quando voltarão a ver-se **de novo**. A viagem, em si, é um pequeno inconveniente, mas começa a assumir um **significado descomunal** à medida que o romance avança.

Quanto a saber se Alice tomou ou não a decisão "certa" ao mudar-se para uma pequena vila longe de todos os seus amigos e família, penso que não estava interessada em fazer um juízo de valor desse tipo. Ela está, nitidamente, bastante isolada no seu novo meio-ambiente. Mas talvez o relativo isolamento seja aquilo de que ela **precisa**. Eu estava mais interessada em observar a sua tentativa de criar uma nova vida para si própria do que em chegar a uma conclusão acerca de saber se era ou não uma boa vida. É a vida que ela tem, que é a única coisa que importa no que ao romance diz respeito.

Tal como em *Pessoas Normais*, essa diferença entre Dublin e o resto da Irlanda, e a percepção que as pessoas da capital têm das pessoas do campo e vice-versa, é uma parte importante do pano de fundo do romance. Quão importante é este factor no tecido da sua escrita?

Neste romance, penso que existe uma diferença considerável entre a cidade e o campo. Mas a diferença é sobretudo **literal** em vez de imaginária: há duas personagens a viver numa pequena vila e duas outras que vivem vidas muito diferentes na capital. A distância literal que as separa, e as inevitáveis diferenças nos seus **estilos de vida**, são uma parte **importante** do livro. Mas as percepções da **disparidade cultural** não entram assim tanto em jogo. Três dos quatro protagonistas são (tal como eu própria) do Oeste da Irlanda; o único natural de Dublin está agora, de qualquer forma, a viver em Mayo. Dublin é uma cidade relativamente cosmopolita e muitas das pessoas que lá vivem não nasceram lá, obviamente. Suponho que este livro seja mais acerca de escolher (ou ser levado a escolher) onde construir uma vida e que tipo de vida construir.

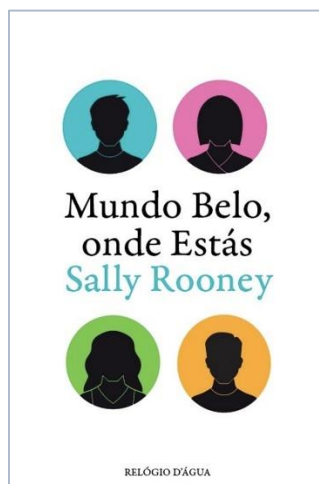
A Alice inicia uma espécie de relação ambígua com Felix, que ela conhece *online* – os dois parecem criar uma ligação bastante próxima, mas também antagonizam-se um ao outro. Tecido nas malhas da sua história está também um enredo de dinâmica de classes e diferenças financeiras e de habilitações – algo que, mais uma vez, a Sally integrou em *Pessoas Normais*.

A relação de Alice com Felix – que não frequentou a universidade e trabalha num armazém de expedição portuária – está sem dúvida estruturada, em parte, sobre a **desigualdade financeira**. Mas, pensando bem, penso que a dinâmica de classes está presente em todas as relações principais do romance. O Simon e a Eileen conhecem-se pela primeira vez em crianças e a relação entre as suas famílias é, de certa maneira, uma história de **disparidade de classe**. E, embora Eileen e Alice se possam ter conhecido como estudantes em relativa igualdade de termos, o sucesso de Alice deixou-a agora numa posição de enorme privilégio

financeiro, ao passo que Eileen tem dificuldade em pagar a renda. O que é interessante, para mim, é a pressão que estas [desigualdades](#) exercem nas vidas e relações das personagens. Não estou realmente a tentar oferecer qualquer comentário específico sobre a injustiça da desigualdade de classe, embora eu, pessoalmente, ache que é profundamente injusto. Os leitores podem tirar as suas próprias conclusões acerca disso. O que me interessa é que as minhas personagens têm de viver com estas desigualdades, independentemente do que pensarem acerca delas intelectualmente. As **consequências** para as suas vidas emocionais, e para a sua consciência de si próprias, são de certa forma parte da ação dramática do romance.

Tanto a Alice como a Eileen têm sentimentos muito complicados acerca das relações românticas e da maternidade. É claro que estes não são dilemas novos, mas pergunto-me se a Sally considera que há questões novas envolvidas para a geração das suas personagens?

Sempre me interessei pela dimensão até onde a história e a cultura molda as nossas [relações íntimas](#). Assim, considero, de facto, tendo em conta o ritmo acelerado das alterações tecnológicas e culturais, que alguns dos sentimentos das personagens acerca do amor e da maternidade são geracionalmente específicos. Ambas as mulheres se preocupam com a **parentalidade** no contexto específico da [crise climática](#) e ambas enfrentam uma cultura sexual e romântica imensamente diferente daquela que a geração dos seus pais enfrentou. Por outro lado, não quero dar a entender que os problemas deles são demasiado especiais. Cada geração vive mudanças e tem de raciocinar para, de alguma maneira, encontrar um rumo através dessa mudança. Mas eu interesso-me por alguns dos desafios específicos do nosso momento cultural presente e pela maneira como as personagens poderão responder a esses desafios.



'Mundo Belo, onde Estás', de Sally Rooney e Alex ClarkFoto: **D.R**

As personagens também têm uma relação complicada com as suas famílias, que estão na sua maioria indiretamente presentes: a irmã de Eileen, que vai casar-se, ou o irmão de Felix. Pretende afastar-se da ideia do núcleo familiar enquanto motor dos romances e, em vez disso, substituí-lo por grupos de amigos?

Penso que as **relações românticas** são o motor principal do meu trabalho, embora haja nelas, normalmente, muitas outras coisas a acontecer, também. E isso costumava ser típico do romance enquanto género mais abrangente. Relações românticas e sexuais conduzem a narrativa – (e.g.) *Emma*, *Anna Karenina*, *As Assas da Pomba*, *Em Busca do Tempo Perdido* –

sustentando e enriquecendo profundidades e complexidades adicionais nesses livros. Penso que é isso, basicamente, o que procuro atingir na minha obra. Em finais do século XX, o desenvolvimento do romance talvez se tenha afastado da vida romântica em direcção à vida familiar, produzindo alguns livros muito bonitos e cheios de significado. Mas embora o romance de família tenha sido um grande desvio do romance de casamento, nenhum deles é "melhor" do que o outro. E eu penso que continuam a poder fazer-se coisas interessantes a partir do ponto de vista romântico. Se eu consegui, de facto, ou não concretizar isto não me cabe a mim julgá-lo.

Eileen e Simon estão separados da Alice pela distância ao longo de grande parte do romance – e quando se reúnem, há imensa emoção acumulada. Isso pareceu especialmente pertinente agora, em que todos nós estivemos separados dos nossos entes queridos. Isso contribuiu para o seu processo de escrita?

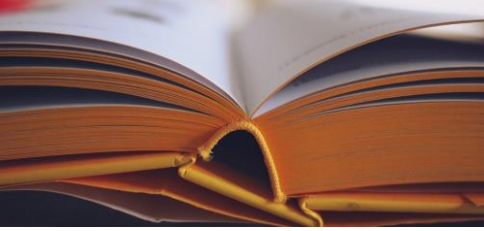
Sim, penso que sim. A parte final do livro é também a última parte que eu escrevi e foi escrita durante um período de quase confinamento absoluto, em que eu estive sem ver amigos ou membros da minha família durante muito tempo. Penso que essa foi, em parte, a razão por que a minha experiência ao escrever aqueles capítulos, em que as quatro personagens estão todas juntas num sítio, foi tão intensa. As experiências normais de partilhar uma casa com amigos – estar juntos à mesa durante as refeições, esperar para tomar duche, ficar acordado até tarde na conversa – pareceu estar muito mais repleto de significados e sentimentos do que o normal. Eu estava mesmo com muitas **saudades** dos meus amigos. Eu já tinha planeado unir as quatro personagens lá para o fim do livro, mas as circunstâncias em que eu estava a escrever desempenharam, sem dúvida, um papel na forma como a parte final se desenvolveu.

Tal como toda a sua escrita, há uma sensação de as personagens estarem a braços com emoções monumentais, tentando percebê-las e perceber-se a si próprios. Ao mesmo tempo, há uma dimensão cómica, como se nos estivesse a convidar a contemplar o quão ridículos podemos ser às vezes. É uma leitura correta, esta? Vê-se a si própria como escritora humorística?

Eu acho a vida muito divertida. Por isso, não seria honesto que eu tentasse escrever acerca da vida, mesmo que seja ficção, sem tentar encaixar [na minha escrita] quão divertida ela é. E, é claro, as minhas personagens estão muitas vezes a tentar fazer-se rir umas às outras, com diferentes graus de sucesso. Tenho de admitir que elas me fizeram rir bastante quando estava a escrever a seu respeito. Para mim é difícil imaginar amizade ou amor sem um sentido de humor partilhado, que tem de incluir a capacidade de nos rirmos de nós próprios. Mas eu tento evitar satirizar as personagens. Não acho que sejam mais ou menos ridículas do que eu própria – que é o mesmo que dizer que tenho a certeza de que são verdadeiramente ridículas, às vezes, e eu também.

Considera existir uma relação entre os seus livros em termos de tema ou de estilo? Há algum mundo Rooney em que todos eles existem?

Eu sinto, realmente, que os livros estão relacionados pelo infeliz facto de eu os ter escrito. Eu nunca tentei conscientemente desenvolver um "estilo", mas tenho muitas **limitações** enquanto autora. E essas limitações podem muito bem ser descritas como "estilo" – é provavelmente o termo mais simpático à mão. Os livros são, sem dúvida, **tematicamente semelhantes**. Como mencionei antes, de facto escrevo acima de tudo acerca de relações românticas e amizade. Esses parecem-me ser temas suficientemente grandes para serem **explorados ao longo de uma vida inteira**, mas tenho a certeza de que as outras pessoas sentem de maneira diferente. Certamente não seria injusta se



sublinhasse que os meus livros são todos bastantes parecidos uns com os outros. Concordo que há semelhanças, mas talvez eu esteja mais confortável com isso do que outras pessoas estariam, porque isso também é verdade acerca de alguns dos meus romancistas favoritos. Muitos dos romances de Henry James, por exemplo, são muito parecidos uns com os outros e as "estacas" do enredo são quase sempre de natureza marital ou sexual. Mas o James é, ainda assim, na minha perspetiva, um dos maiores romancistas da língua inglesa – não porque os seus romances sejam todos muito diferentes, mas em parte porque o não são.

Sente que este romance tem uma afinidade com outros romances, atuais ou passados?

Eu sinto, de facto, que este romance tem uma afinidade com os outros. Mas tenho de ir com um pouco de cuidado aqui, porque não quero parecer que estou a comparar-me com alguns dos maiores romancistas que já viveram. Sou influenciada pelos meus livros favoritos, mas isso nada diz acerca do que consigo fazer com essa influência. Seja como for: quando eu estava mais ou menos a meio do *Mundo Belo*, li o romance de Natalia Ginzburg, *Happiness, as Such*, e era tão bom que quase quis desistir de escrever de todo. Acho que é um livro verdadeiramente **perfeito**. Também li e adorei *Os Irmãos Karamazov*, de Dostoievski, enquanto estava a escrever este romance. E, é claro, o Henry James também lá está, e eu li *A Taça Dourada* pela primeira vez durante o processo de escrita – outro romance acerca de dois casais interligados e o seu enredo nas vidas um do outro. Na verdade, fui buscar o nome "**Felix**" à novela de James *Os Europeus*, embora o Felix dele não pudesse ser mais diferente do meu. Pergunto-me se, num qualquer nível subconsciente, não estaria também a recordar-me de outro Felix literário que adorei – uma personagem do *NW* de Zadie Smith, que tem sido um dos meus mais favoritos romances desde o momento em que o li. Talvez descrever estas influências como "afinidades" seja ir longe demais. Mas é justo dizer que não poderia ter escrito este livro sem os exemplos orientadores de outros romances que admiro.

Tradução: Adelaide Cabral